



A DISLEXIA: UM PROBLEMA RECORRENTE NA ESCOLA

Daniel da Silva Tavares ¹

Vanderlei da Silva Lima ²

RESUMO

Os problemas de aprendizagem são muito recorrentes no contexto escolar, pois é nesse ambiente onde os mesmos se manifestam, com isso, esse artigo é de cunho bibliográfico, visa prospectar conceitos sobre a dislexia, num recorte de literaturas e artigos embasados em autores e estudos relacionados à temática. A dislexia é um transtorno de aprendizado que afeta de 3% a 10% das crianças em fase escolar, chegando à idade adulta com sérios problemas se não for acompanhada por especialistas. Algumas dificuldades básicas frequentemente observadas em crianças com dislexia: leitura lenta, monossilábica, com pouca entonação de voz e com tropeços na leitura de palavras longas. Para um diagnóstico preciso de dislexia é necessário uma avaliação rigorosa feita por equipe multidisciplinar (fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo e neurologista). Concluindo, a dislexia é uma problemática que está intrinsecamente ligada ao contexto escolar, exigindo dos profissionais da educação um pouco mais de conhecimento para trabalhar o aprendente com o transtorno.

Palavras-chave: dislexia, transtorno, diagnóstico e educação.

INTRODUÇÃO

Os problemas de aprendizagem são muito recorrentes no contexto escolar, pois é nesse ambiente onde os mesmos se manifestam, podem ser denominado com diversas nomenclaturas como dificuldade de aprendizagem, transtorno de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem.

¹ Professor da Educação Básica da Rede Estadual – CE, Mestrando em Ciências da Educação, CECAP – Brasília, daniel.tavares@prof.ce.gov.br ,

² Professor da Educação Básica da Rede Estadual – CE, Mestre em Letras, UERN – Mossoró, vanderjunho@hotmail.com .



As nomenclaturas são variadas, no caso da dislexia em algumas literaturas ela é classificada como um transtorno de aprendizagem, já em outros como um distúrbio de aprendizagem, isso se deve a sua origem neurológica, pois sua origem de manifestação no ser humano é no cérebro e seu diagnóstico é uma junção de características externas como internas com exames específicos.

Esse artigo é de cunho bibliográfico, visa prospectar conceitos sobre a dislexia, num recorte de literaturas e artigos embasados em autores e estudos relacionados a temática, que perpassa deste do ensino básico ao superior, direcionando uma leitura específica sobre a dislexia e seus conceitos.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. A sua indicação para esses estudos relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto ser dada a partir de fontes bibliográficas. Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994).

Na perspectiva desse artigo, pretende-se contribuir para a qualificação dos estudos que estabelecem a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Com o objetivo de prospectar conceitos sobre a dislexia, num recorte de literaturas e artigos embasados em autores e estudos relacionados a temática, que perpassa deste do ensino básico ao superior, direcionando uma leitura específica sobre a dislexia e seus conceitos, analisando a discussão teórica dos conceitos referente a dislexia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A dislexia é um dos termos mais utilizados dentro das dificuldades de aprendizagem. Sendo a aprendizagem da lectoescrita tão complexa, as dificuldades que podem se apresentar neste processo são igualmente complexas. “Compreender” as causas pelas quais uma criança tem dificuldades na sua lectoescrita é de suma importância para encontrar estratégias adequadas para enfrentar sua dificuldade. Nem todas as crianças



que têm dislexia apresentam as mesmas características, sendo a única característica comum, apresentarem dificuldades na lectoescrita que pode perpassar do ensino infantil ao ensino superior da pessoa que possui o transtorno (GÓMEZ e TERÁN, 2009).

Se observarmos a origem da palavra dislexia, veremos que ele tem sua origem no latim *Dis*, que significa “mal”, e *Lexia*, que significa “leitura”, portanto, dificuldade de leitura (OLIVIER, 2011).

A associação Internacional de Dislexia define a dislexia como “um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação a idade. [...] a dislexia é apresentada em várias formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever (MAIA, 2016, p. 85).

A definição da dislexia passa também por outras instituições internacionais com grande respaldo no estudo e pesquisa aprofundada do transtorno que acomete crianças e jovens em idade escolar. Citamos a National Institute of Health, que desenvolvem estudos na área, de acordo com esta instituição a dislexia é um transtorno específico da linguagem.

A definição do National Institute of Health considera a dislexia um transtorno específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, refletindo dificuldade no processamento e manipulação da estrutura sonora das palavras (processo fonológico). Essas dificuldades em decodificar palavras isoladas são frequentemente inesperadas em relação à idade e a outras habilidades cognitivas e acadêmicas, e não são resultantes de um transtorno geral do desenvolvimento ou de problemas sensoriais (MUSZKAT e RIZZUTTI, 2012, p. 15).

A dislexia é um transtorno de aprendizagem que afeta de 3% a 10% das crianças em fase escolar, chegando a idade adulta com sérios problemas se não for acompanhada por especialistas, como o psicopedagogo, psicólogo, neuropsicólogo e o neurologista (TEXEIRA, 2013).

A dislexia é o transtorno de aprendizagem mais prevalente na escola, e acredita-se que seja mais frequente em meninos. Os transtornos de leitura e de escrita atingem de forma grave até 10% das crianças em idade escolar. Se forem considerados também os transtornos leves, esse



percentual chega a 25% (PIÉRART apud SEABRA; ESTANISLAU, 2014, p. 141).

A dislexia pode ser definida como uma perturbação constitucional primária, geneticamente transmitida, havendo dificuldade de a criança adquirir a capacidade normal de leitura, pelos métodos normais de ensino. Geralmente o nível mental dos disléticos é normal, mas a maioria deles apresenta lentidão anormal no desenvolvimento da fala. O distúrbio deve-se a uma desorientação têmporo-espacial, e os disléticos têm dificuldade em ler letras com semelhança visual, como *d* e *b*; *p* e *q*, por exemplo.

O transtorno acomete mais meninos do que menina. São características da pessoa com dislexia, apresenta leitura lenta, com dificuldade, por exemplo, para ler legendas numa tela de cinema ou entender enunciados e frases, aprender outros idiomas e escrever, apresentando erros de concordâncias verbais, inversões, trocas ou omissões de letras durante a elaboração de textos (OLIVIER, 2011).

Algumas dificuldades básicas frequentemente observadas em crianças com dislexia: leitura lenta, monossilábica, com pouca entonação de voz e com tropeços na leitura de palavras longas. Crianças pequenas já apresentam alguns indícios que vão desenvolver o transtorno no momento de aquisição de escrita e estes indícios podem ser percebidos quando (HONORA e FRIZANCO, 2012):

- Observamos que a criança demora ou tem dificuldade para segurar a colher para comer sozinho;
- Vemos que a criança demora ou tem dificuldade em fazer o laço no cordão do sapato;
- A criança demora ou tem dificuldade em pegar e chutar uma bola;
- Há atraso na locomoção, ou seja, demora mais do que as outras crianças para aprender a andar;
- Há atraso na aquisição da linguagem, ou seja, demora mais do que as outras para falar as primeiras palavras;
- Observamos que há dificuldade na aprendizagem das letras.



Não significa que, se a criança apresenta alguma dificuldade das listadas acima, certamente terá dislexia.

A criança disléxica geralmente possui inteligência normal ou até acima da média da maioria das pessoas. A dificuldade consiste em não conseguir identificar símbolos gráficos (letras e/ou números). Quando essa criança se torna adulta o transtorno ainda permanece, causando inúmeros prejuízos socioemocional.

O adulto disléxico terá em seu aprendizado um processo de leitura muito complexo com defeitos no reconhecimento de letras os sinais em situação espacial. Muitas vezes, o adulto disléxico procura adivinhar o sentido de certas palavras cujos detalhes não perceberam, resultando em erros grosseiros, que às vezes não são bem interpretados pelas outras pessoas. É bastante comum o adulto disléxico não escrever, pois ele reconhece a sua inabilidade para realizar a escrita. Contudo, com trabalho e persistência, o disléxico adapta-se e, com o tempo, firma-se na sociedade e insere-se claramente como um de seus membros (FERNANDES, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns estudos indicam que a dislexia é hereditária e alguns alunos com essa característica apresentam, na maioria das vezes, pelo menos um familiar com dificuldade na aprendizagem de leitura e escrita.

Para um diagnóstico preciso de dislexia é necessário uma avaliação rigorosa feita por equipe multidisciplinar (fonoaudiólogo, psicopedagogo, psicólogo e neurologista). Elencamos as características mais comuns da dislexia na instituição escola.

Dislexia na escola (TEXEIRA, 2013):

- Atraso na aquisição de linguagem
- Dificuldade de alfabetização
- Dificuldade em aprender os nomes das letras;
- Dificuldade para se lembrar de símbolos e para aprender o alfabeto;
- Trocas na fala;
- Dificuldade para separar e sequenciar sons e palavras;



- Dificuldade para aprender a ler, escrever e soletrar,
- Dificuldade em aprender palavras novas;
- Dificuldade em nomear;
- Dificuldade na aprendizagem de músicas com rimas;
- Pronúncia incorreta de palavras;
- Dificuldade na habilidade motora fina (na preensão do lápis e na escrita);
- Dificuldade em copiar do quadro;
- Nível de leitura abaixo do esperado para sua idade;
- Dificuldade para entender enunciados nas provas;
- Dificuldade na elaboração e na compreensão de textos
- Dificuldade memorizar tabuadas, figuras geométricas e mapas;
- Leitura vagarosa e com erros
- Vocabulário pobre para a idade.

É essencial para o diagnóstico e o início do tratamento que os professores identifiquem precocemente sintomas transtorno. Quanto mais cedo identificado, menores serão os prejuízos acadêmicos e sociais a que essa criança estará exposta. Muitas vezes, elas apresentam baixa autoestima e são estigmatizadas como crianças que não aprendem ou que não se esforçam (TEXEIRA, 2013).

Alterações visuais, auditivas e retardo mental devem ser descartados, e posteriormente avaliação fonoaudiológica será capaz de dar o diagnóstico com precisão. A intervenção terapêutica é específica para cada criança. Costuma ser por conta de um psicopedagogo ou psicólogo, e é orientada a compreender e acompanhar a criança e descobrir suas possibilidades e, de acordo com isso, organizar os processos afetados (MORA, 2007).

Parafraseando Texeira (TEXEIRA, 2011), o tratamento da dislexia baseia-se em programas fonoaudiológicos associados à psicoeducação e aulas de reforços (caso haja prejuízos pedagógicos). O grau de melhora dependerá da gravidade dos sintomas e das condições de estimulação e apoio oferecidas à criança ou ao adolescente com dislexia.

No Brasil, algumas instituições como a ABD (Associação Brasileira de Dislexia) e a AND (Associação Nacional de Dislexia) prestam orientação a pais e familiares de crianças e adolescentes com dislexia,



oferecendo informações sobre as estratégias de tratamento do transtorno de aprendizagem (TEXEIRA, 2013, p. 233).

O que podemos fazer para facilitar quando temos, na sala de aula, um aluno com dislexia (HONORA e FRIZANCO, 2012):

- Após a explicação do conteúdo do dia, fornecer um resumo da matéria;
- Usar recursos visuais (vídeos, slides, Datashow,...);
- Evitar falar e escrever ao mesmo tempo;
- Avisar com antecedência quando tiver leitura de livros ou textos (pode ser pensado em uma forma do livro ser gravado para facilitar o entendimento para este aluno);
- Propor atividades também para fora da sala de aula, como dramatizações, entrevista, pesquisas, atividades no laboratório,... etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido enaltece a importância de se conhecer um transtorno muito mais comum na educação, principalmente na base, quando a mesma se manifesta. A dislexia é uma problemática que está intrinsecamente ligada ao contexto escolar, exigindo dos profissionais da educação um pouco mais de conhecimento para trabalhar o aprendente com o transtorno.

Com a bandeira da inclusão escolar ficou mais intensificado a inserção dessas pessoas com dislexia na escola e em outros espaços da sociedade, pois para inclusão o importante é potencializar o aprendizado minimizando as dificuldades.

REFERÊNCIAS

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (Org). **Saúde Mental na escola:** o que os educadores devem saber. In: SEABRA, A. G.; DIAS, N. M.; ESTANISLAU, G. M.; TREVISAN, B. T. Transtorno de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 189 – 206.

BRITO, A. R.; MAIA, H. (Org). **Necessidades educacionais especiais.** In: MAIA, H. Dislexia. 2, ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016. p. 85 – 98. (Neuroeducação; v. 3)



FERNANDES, R. R. A Bíblia da Saúde. 1 ed. São Bernardo do Campo – SP: Associação Paulista de Medicina, 2015.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. Dificuldade de Aprendizagem: detecção e estratégias de ajuda. São Paulo: Grupo Cultural, 2009.

HONORA, Márcia.; FRIZACO, Mary L. E. **Dificuldades na Aquisição da Língua Portuguesa Escrita no Ensino Fundamental**. 2 . ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2012. (Coleção Fono na Escola).

MORA, Estela. Psicopedagogia Infanto-Adolescente. São Paulo: Grupo Cultural, 2007.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. O professor e a dislexia. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção educação & saúde; v. 8)

OLIVIER, Lou. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

TEXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares**. 1º ed. Rio de Janeiro, 2013.